

A LIBERDADE E O CORPO NO *DIÁLOGO ENTRE UM PADRE E UM MORIBUNDO* DE MARQUÊS DE SADE

Ivã Matias da Silva Gonzalez¹

RESUMO

O presente artigo aborda o pensamento filosófico do escritor francês Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814) sobre os conceitos de liberdade e de corpo num debate que envolve o conflito entre duas posições antagônicas. De um lado, o ateísmo do autor e do outro a posição religiosa sobre tais temas. Distanciando de suas obras de literatura com a temática erótica, o estudo realizado é baseado num trabalho em que o escopo é a problemática levantada por Sade acerca da existência de Deus dentro dos limites das faculdades humanas e o obstáculo que o livre-arbítrio religioso impõe na vontade e liberdade dos indivíduos. Partindo do texto *Diálogo entre um padre e moribundo* (1782), a hipótese levantada é que Sade pensa o corpo como um meio de apreender o mundo através do registro sensível. E a chave para entender e elaborar sua concepção de ateísmo é estritamente ligada na relação entre o ser e o exterior. O propósito deste estudo é apresentar uma perspectiva do escritor que demonstra sua abordagem filosófica através do debate teórico entre duas personagens. A metodologia adotada para pesquisa foi realizada em dois passos. Primeiramente, a análise do diálogo a partir de dois comentadores da obra de Sade, Augusto Contador Borges (2009) e Eliane Robert Moraes (2006). Em seguida, relacionar a obra em questão com outras do escritor setecentista, “Da imortalidade da alma” (1791) evidenciando que os temas desenvolvidos por Sade não aparecem apenas em uma única obra isoladamente e compreender que o escritor pensa o corpo como um meio fundamental conhecer o mundo e é a partir dele e do uso da razão que a vontade humana é desvincilhada da ilusão causada pelo pensamento religioso que está em dominância em sua época.

Palavras-chaves: Marquês de Sade. Corpo. Liberdade. Religião. Sensibilidade.

¹ Graduando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com ênfase para as perspectivas acerca do erótico e do sagrado na filosofia e na literatura, com destaque nas áreas da filosofia do corpo, estética e a literatura surrealista francesa do século XX. Especificamente no estudo das obras de Georges Bataille, André Breton, Marquês de Sade e Lautréamont. Atualmente é pesquisador da obra de Georges Bataille.

FREEDOM AND THE BODY IN THE DIALOGUE BETWEEN A PRIEST AND A DYING MAN BY MARQUIS DE SADE

Ivã Matias da Silva Gonzalez²

ABSTRACT

This article addresses the philosophical thoughts of the French writer Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814) on the concepts of freedom and the body in a debate that involves the conflict between two antagonistic positions. On the one hand, the author's atheism and on the other, the religious position on such topics. Distanced from his works of literature with erotic themes, the study carried out is based on a work in which the scope is the issue raised by Sade regarding the existence of God within the limits of human faculties and the obstacle that religious free will imposes on will and freedom of individuals. Starting from the text Dialogue between a Priest and a Dying Man (1782), the hypothesis raised is that Sade thinks of the body as a means of apprehending the world through sensitive recording. And the key to understanding and elaborating your conception of atheism is strictly linked to the relationship between being and the outside. The purpose of this study is to present a writer's perspective that demonstrates his philosophical approach through the theoretical debate between two characters. The methodology adopted for the research was carried out in two steps. Firstly, the analysis of the dialogue based on two commentators on Sade's work, Augusto Contador Borges (2009) and Eliane Robert Moraes (2006). Then, relate the work in question with others by the 18th century writer, "On the immortality of the soul" (1791), highlighting that the themes developed by Sade do not just appear in a single work in isolation and understanding that the writer thinks of the body as a fundamental means know the world and it is through it and the use of reason that the human will is freed from the illusion caused by the religious thought that is dominant in its time.

Keywords: Marquis de Sade. Body. Freedom. Religion. Sensitivity.

² Graduating in philosophy from the Federal University of Paraná (UFPR). With an emphasis on perspectives on the erotic and the sacred in philosophy and literature, especially in the areas of philosophy of the body, aesthetics and 20th century French surrealist literature. Specifically in the study of the works of Georges Bataille, André Breton, Marquis de Sade and Lautréamont. He is currently researching the work of Georges Bataille.

INTRODUÇÃO

Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814), conhecido como Marquês de Sade, foi um filósofo e escritor francês cuja fama advém de sua literatura erótica, antirreligiosa, violenta e política. Boa parte de sua vida foi vivida no cárcere, e a relevância da privação de liberdade vivenciada pelo autor fica evidente no fato de que suas experiências de isolamento favoreceram a criação de seus personagens e de seu pensamento filosófico. Além disso, o Sade presenciou o período da Revolução Francesa (1789-1799) e, principalmente, a Tomada da Bastilha (1789). No que tange a tais eventos, é importante propor uma leitura da obra do libertino a partir da vida e dos eventos que forma vividos por Sade, entendendo que tais escritos são um reflexo de sua época a fim de entender sequencialmente os textos selecionados e a construção do pensamento de Sade a partir da análise da obra em questão para entender o papel do pensamento do autor diante dos conteúdos que envolvem a construção de seu pensamento em favor do corpo e contra a submissão religiosa.

SADE E O DIÁLOGO

Em *Dialogo de um padre e um moribundo* (1782), escrito em cárcere no Château de Vincennes, seguindo a estrutura dos discursos de Platão, Sade apresenta uma conversa entre dois personagens envolvidos por problemáticas religiosas. Deus e a alma entram em conflito com o indivíduo e suas crenças conforme as argumentações da experiência libertina. O pensamento de Sade é de um ateísmo levado às últimas consequências, isto é, o autor não apenas leva o leitor à descrença no divino, mas à uma posição que visa destruir a imagem de Deus e rechaçar os devotos. Dentro do diálogo, é evidente que o posicionamento de Sade é ocupado pelo moribundo, e é em sua argumentação que está exposto o cerne do que o filósofo entende e usa para justificar suas teses e conceitos a favor do ateísmo diante da posição dominante que envolve a religião de seu contexto físico e temporal.

Tanto Marquês de Sade quanto sua obra estão circunscritos no século XVIII e próximos de acontecimentos que mudam o rumo da história da Europa. Nesse sentido, Sade quer contra-argumentar todos os procedimentos religiosos dominantes em seu tempo ao tratar de um momento inevitável aos seres: a morte. O libertino redige sua obra na posição oposta à Igreja; não faz do falecer um momento divino em que a absolvição dos pecados a partir da extrema-unção seja algo racional, muito pelo contrário, é uma forma de perpetuar a submissão dos indivíduos nas crenças que estão em vigor.

Segundo a filósofa Eliane Robert Moraes (1951-) em *Lições de Sade* (2006), o pensador libertino está inscrito nos textos filosóficos que visam operar uma crítica da exploração do indivíduo por parte das instituições religiosas. Tais textos são consequência de uma mudança que vinha ocorrendo no final do século XVII, com obras escritas por autores tidos como antirreligiosos. Sobre a temática, Moraes (2006) diz:

O *Diálogo* de Sade – escrito em 1782, na prisão de Vincennes – inscreve-se numa linhagem de textos filosóficos do século XVIII que, ao criticar a exploração do medo no momento da morte, opera mudança significativa nas representações fúnebres. Tal concepção aparece, por exemplo, na célebre *Carta sobre os cegos* que Diderot escreve em 1749 [...] Por certo, essa mudança de atitude em relação à morte é consequência do espírito anti-religioso que se vinha formando desde o final do século XVII em vários pontos da Europa, com o surgimento de novas correntes de pensamento que ameaçavam a hegemonia da história sacra tradicional, desafiando a ortodoxia barroca. Ainda que a rebeldia dos primeiros descrentes fosse um tanto tímida se comparada à audácia dos personagens de Sade ou de Diderot, ela é o ponto de partida de uma tradição que, desde seus primórdios, praticava a arte do diálogo filosófico para afrontar os dogmas da religião. Nesse sentido, o *Diálogo* do marquês – no qual abundam citações do mais ateu dos filósofos setecentistas, o barão d’Holbach – também pode ser visto como um resumo da história desses movimentos de resistência que começa com os livre-pensadores seiscentistas até culminar no ateísmo dos iluministas. (MORAES, 2006, p. 28)

Vale ressaltar que neste trabalho do autor é possível notar como o pensamento de Sade é voltado para um ateísmo que visa destruir o pensamento religioso a partir do uso de dados que nosso corpo recebe através da matéria, dos objetos, ou seja, daquilo que conseguimos captar e fazer uso ou conjecturar pensamentos, ideias etc. No texto é trabalhado também como a religião de sua época era fundamentada e mantida a partir de antigos preceitos – que o autor também chamará no decorrer do texto de “preconceitos” – em relação ao pensamento, algo tido como contrário à religião.

O MOTIVO DO ARREPENDIMENTO

“Chegada a hora fatal em que o véu da ilusão se rasga para mostrar ao homem seduzido o quadro cruel de seus erros e vícios, não vos arrependeis, meu filho, das múltiplas desordens a que vos levaram a fragilidade e as fraquezas humanas?” (SADE, 2009, p. 19). Em *Diálogo* entre um padre e um moribundo, o diálogo é iniciado com o padre realizando a extrema-unção no moribundo, visando a remissão de seus pecados. Neste momento, o moribundo é questionado

se, no fim de sua vida, irá se arrepender de todos os erros que cometeu. Todavia, o ateu afirma que o arrependimento ao qual o clérigo se refere não é o mesmo que ele menciona sentir. Para o moribundo, seu pesar está voltado ao uso “incompleto” de suas faculdades. Nunca foi um sentimento em relação aos pecados tais como o clérigo imagina, mas sim do mal uso de suas paixões e desejos. Diz o moribundo:

criado pela natureza, com apetites muito vivos e paixões muito fortes, posto neste mundo unicamente para entregar-me a eles e satisfazê-los, sendo tais efeitos de minha criação apenas necessidades relativas aos primeiros fins da natureza, ou, se preferires, derivações essenciais de seus projetos sobre mim, todos com razão de suas leis, só me arrependo de não ter reconhecido o bastante sua onipotência, e meus únicos remorsos são pelo uso medíocre que fiz das faculdades (criminosas para ti, tão simples para mim) com que me dotou para servi-la. Por vezes lhe resisti e arrependo-me por isso. Cego pelo absurdo de teus sistemas, combati por eles toda a violência dos desejos recebidos por uma inspiração bem mais divina. Disso me arrependo. Só colhi flores quando poderia ter feito uma ampla colheita de frutos... Eis os justos motivos de meus arrependimentos; estima-me bastante para eu não procurar outros. (SADE, 2009, p. 19-20)

O arrependimento está voltado para os momentos em que resistiu diante de suas próprias vontades e desejos. O moribundo não está envolvido com a problemática que a religião evoca diante das ações humanas, seu perjúrio corresponde àquilo que não cometeu, isto é, sua angústia é voltada ao que não fez diante de suas paixões. Para o personagem, a razão da ação humana está diante do fato de que todos os seres são uma criação da natureza e, por conta disso, seguir as próprias vontades e ímpetos segue a “ordem” própria das criaturas criadas pela natureza e que seguem, necessariamente, um movimento ordenado.

A partir daí, é possível notar nas primeiras passagens que o processo operado por Sade contra as opiniões e indagações do clérigo é uma argumentação edificada a favor da livre vontade humana, indo contra os interditos e demolindo as práticas realizadas dentro dos sistemas religiosos. Há dois tópicos que merecem atenção e que são importantes no decorrer do texto de Sade: a liberdade humana e o corpo.

O PROBLEMA DO LIVRE-ARBÍTRIO E A LIBERDADE HUMANA

Na perspectiva do moribundo, há limites na liberdade humana quando esta segue os moldes da religião. De um lado tem-se o livre-arbítrio que envolve os interditos religiosos, ou seja, o indivíduo pode agir livremente estando de acordo com as práticas e proibições impostas

pela Igreja, do outro, a vontade humana sem algum tipo de obstáculo que possa refrear as ações das criaturas, tal como o pecado e a condenação. Para o padre, Deus é o criador onipotente e o livre-arbítrio é a ferramenta para que a humanidade possa ser recompensada pelas ações boas ou más diante da religião. Nas palavras do padre: “Que mérito os homens teriam se Deus não lhes tivesse deixado o livre-arbítrio, e o que ganhariam com isso se não houvesse na terra a possibilidade de fazer o bem e a de evitar o mal?” (SADE, 2009, p. 20).

Neste momento do diálogo, o moribundo nota que a argumentação do clérigo implica no conflito entre onipotência e a ideia de natureza corrompida. Se Deus é, na perspectiva do padre, “Aquele que tudo fez e criou e que tudo conserva por um simples efeito de sua onipotência” (2019, p. 20), como é possível a existência de uma ação que vai contra a própria ideia de evitar o mal se este é, em certa medida, permitido pela própria onipotência e onisciência de Deus e o livre-arbítrio fornecido para suas criaturas? Essa é a problemática levantada por Sade, isto é, condenação da livre vontade do ser em detrimento da liberdade posta pela religião sob o nome de livre-arbítrio. O mérito da escolha de uma ação – julgando ser boa ou má – no qual o Criador já sabe do resultado, torna inútil a onipotência divina pois não evita que o indivíduo tenha uma natureza corrompida.

É preciso compreender, que, para Sade, o sistema religioso torna inviável uma existência proporcionada pela própria vontade humana, pois opera através da condenação e dos castigos, ultrapassando a existência física dos seres. Para o moribundo, o erro está em atribuir um castigo a nossas próprias atitudes, sendo que estas estão intrinsecamente ligadas às necessidades do ser de acordo com a ordem que a natureza estabeleceu. Com isso, Sade elabora uma argumentação para que ideia de um Criador onipotente entrem em conflito em razão da religião tornar insustentável uma liberdade irrestrita das paixões humanas e não ter uma resposta acerca da pergunta feita pelo moribundo: “O que entendes por criador e por natureza corrompida?” (2019, p. 20).

Sendo a natureza criadora de todos os seres vivos, qual a necessidade de atribuir a responsabilidade para um autor? A causa e a compreensão de todas as coisas é aquilo que está ao nosso redor e em nós, isto é, os fenômenos da natureza em interação com o corpo. Atribuir uma responsabilidade em um ser suprassensível é entrar em contradição com a própria ideia de onipotência que aponta o padre, pois, quando se trata da criação, o conflito de criar algo corrompível e justifica-lo é graças ao livre-arbítrio promove que nossas ações são limitadas já por conta de um feito que nos é atribuído pela imposição religiosa. Colocar a culpa na criação

por um feito do criador é impor limites àquilo que podemos apreender do mundo a partir do corpo com nossas experiências e sensações.

Em relação às sensações, o *Diálogo* corrobora com outro texto do marquês: “Da imortalidade da alma”. Nestes discursos, que fazem parte da obra *A nova Justine* (1791), Sade mais uma vez se posiciona contra a hipótese religiosa. Ao tentarem separar o corpo e a alma como substâncias diferentes, colocam a sensibilidade em segundo plano e, conseqüentemente, rebaixam o corpo e os objetos percebidos.

Para Sade, não é possível que a alma seja uma substância diferente do corpo, levando a crer que, nos preceitos religiosos, a noção de imaterialidade da alma a coloca numa posição acima do corpo, como se houvesse uma hierarquia na qual a alma, por si só, está além do primado da sensação em via do corpo diante das causas que só podem existir na alma ou inatas:

A partir dessa hipótese ridícula, fizeram da parte a que chamaram de alma uma substância isolada à qual concederam o direito imaginário de pensar independentemente da matéria, da qual emana exclusivamente. Essas opiniões monstruosas somente se justificavam afirmando que as ideias são os únicos objetos do pensamento, com o se não fosse comprovado que apenas nos podem provir dos objetos exteriores que, ao agir sobre nossos sentidos, modificaram nossos cérebros. (SADE, 2009, p. 29)

A chave para entender o ponto de vista de Sade para seu ateísmo está vinculada à relação do indivíduo com o exterior, e toda essa argumentação, tanto no *Diálogo* entre um padre e um moribundo quanto no “Da imortalidade da alma”, está centralizada no corpo do sujeito como peça fundamental para experienciar o mundo afora. Não é possível conduzir o indivíduo para um raciocínio em que a alma seja diferente do corpo, ambos precisam estar em perfeita ordem para que possamos receber e compreender os dados da natureza. A partir destes dois trechos, é constatada uma síntese do que Sade explica acerca do papel da natureza com os dados que dela recebemos; mostrando que, do lado do clérigo, há uma tentativa de explicar o todo com base em algo que está além dos nossos limites (o que causa confusão e complicação ao entendimento humano pois está fora dos nossos sentidos). Diferentemente do ponto de vista do libertino, que visa buscar a simplicidade de não atribuir causas sobre-humanas ao mundo que deve ser compreendido a partir do entendimento dos acontecimentos que atravessam o ser e seus sentidos:

Sendo possível que a natureza tenha feito sozinha tudo o que atribuis a teu Deus, por que pretendes arrumar-lhe um senhor? A causa do que não compreendes talvez seja a coisa mais simples do mundo. Aperfeiçoa tua física e entenderás melhor a natureza; purifica tua razão, elimina teus preconceitos e não necessitarás mais desse deus. (SADE, 2009, p. 21)

É perfeitamente impossível crer no que não se compreende [...] Em suma: sendo quimera ou inutilidade tudo o que ultrapassa os limites do espírito humano, e teu deus só podendo ser um a dessas coisas, no primeiro caso eu seria louco de crer nele, no segundo um imbecil. (SADE, 2009, p. 21)

O CORPO E OS SENTIDOS

Da mesma forma que o arrependimento é algo em comum nas duas posições, a ideia de uma ordem e regulação do todo também o é, entretanto, existem, novamente, duas concepções distintas de ambos os lados para este tópico; tanto do ponto de vista do padre quanto do moribundo há uma ordem que é necessária para o todo. A discordância está no fato de que o papel da ordem e da necessidade não servem para explicar que a causa provém de um criador que ultrapassa os limites das faculdades humanas. No ponto de vista do libertino, é preciso simplificar as coisas compreendendo o fato de que as coisas ocorrem necessariamente, sem influência de uma ação regulada pela escolha moral a partir do livre-arbítrio e sem a existência dessa entidade criadora.

Devemos, segundo Sade, nos ater apenas àquilo que é dado para nós a partir dos nossos sentidos e compreender a natureza para evitar as confusões causadas por tudo que a doutrina religiosa impõe do que está além das nossas sensações e que, por conta dessa imposição, influencia na atitude humana, que acaba por cair em ilusão. Como expõe o moribundo: “conforma-te com a evidência de que cego é quem se veda com um a fita, não quem a arranca dos olhos. Tu edificas, inventas, multiplicas; eu destruo, simplifico. Tu acumulas erros sobre erros; eu com bato todos. Qual de nós é o cego?” (SADE, 2009, p. 21).

Um vê o outro como um cego diante das suas convicções, o padre enxerga o moribundo como um ateu e infeliz, já o moribundo vê o padre como desprovido de razão ou cego para as leis naturais e da matéria. Para entender o pensamento acerca da vida em relação com a natureza na perspectiva de Sade, é necessário colocar em evidência que o corpo é o principal meio para que possamos apreender as sensações e dela tirar o conhecimento das coisas através dos objetos e da experiência. Sade não faz uma divisão entre corpo e alma, muito pelo contrário, considera que os dois precisam estar em comunhão para que seja possível receber os dados exteriores. Segundo Sade,

A fonte de nossos erros advém do fato de considerarmos nosso corpo enquanto matéria bruta e inerte, ao passo que esse corpo é uma máquina sensível que tem necessariamente a consciência momentânea da impressão que recebe e a consciência do eu pela lembrança das impressões sucessivamente experimentadas [...] Tudo comprova da maneira mais convincente que a alma age e se move segundo as mesmas leis que regem os outros seres da natureza; que não pode ser distinta do corpo; que nasce, cresce, se modifica nas mesmas progressões e que, por conseguinte, perece com ele. (SADE, 2009, p. 30)

Se alma é o princípio da experiência sensível e o corpo serve como uma espécie de máquina sensível, não é possível que os dois sejam concebidos separadamente. A vida é o movimento que envolve o pensamento, as paixões e as sensações. Se o corpo perece, a alma também irá perecer, logo, não há possibilidade de usufruir dos prazeres após a morte do corpo através de uma salvação da alma tal como pensa o padre. O que está em questão é que tudo é regulado de acordo com as necessidades e a ordem que há na natureza, isto é, nos fenômenos físicos, nas sensações e nas ações.

A recompensa e o mérito por nossas ações não passam de uma forma de controlar aquilo que o indivíduo deseja realizar diante do que apreendeu pelos sentidos, livre de qualquer punição. Nas palavras do moribundo:

o sistema de liberdade do homem foi inventado apenas para fabricar o da graça, que se tornou tão favorável a teus devaneios. Qual homem no mundo, vendo o cadafalso ao lado do crime, cometê-lo-ia, se estivesse livre de não cometê-lo? Somos arrastados por uma força irresistível, e jamais, sequer um instante, tem os o poder de nos determinar para outra coisa além daquela a que estamos inclinados. Não há um a só virtude que não seja necessária à natureza e, da mesma forma, um só crime de que ela não tenha necessidade. Toda a sua ciência consiste na manutenção de ambos em perfeito equilíbrio. Somos culpados pelo lado em que ela nos lança? Não mais que a vespa ao aferroar tua pele. (SADE, 2009, p. 26)

De acordo com o filósofo Augusto Contador Borges (1954-), no texto “Sade e o ateísmo” – prefácio para a edição da editoria iluminuras –, o libertino francês

bradava em nome de uma racionalidade e de um materialismo, visando exterminar de vez com seus escritos os pilares tradicionais dos poderes da transcendência: Deus, a religião e seus dogmas, a moral a eles arraigada, e toda simbologia gerada em torno, por acreditar que sem isso o projeto revolucionário francês não vingaria a contento. (BORGES, 2019, p. 9-10)

A chave argumentativa do pensamento sadiano está na relação entre o que é sentido pelo corpo em conflito com aquilo que não tem prova material ou empírica de existência. Sade defende o papel do registro empírico para contrapor aos argumentos teológicos que o padre coloca em questão para dialogar com o moribundo. São dois personagens em conflito perante a mesma situação, isto é, a existência de Deus. E para o filósofo, não há razão para crer naquilo que escapa à evidência dos sentidos em relação com as substâncias materiais.

O cenário em que se inicia a obra é fundamental para a compreensão do diálogo como um todo, pois o moribundo se encontra no leito de morte e, mesmo diante da fragilidade do fim da vida, o padre ainda planta o medo e o arrependimento de cunho religioso visando que o moribundo encontre salvação no Eterno. Situado neste cenário, há a questão da chegada da morte como uma forma de domínio através do medo, medo esse que Sade vê como uma forma controladora da religião contra a liberdade humana. Mas, mesmo diante de tais situações, o autor aconselha que a morte deve ser encarada com naturalidade e “com um olhar tranquilo, não para alimentar teus temores e tua melancolia, mas para acostumar-te a vê-la com um olhar calmo, para assegurar-te contra os falsos terrores que os inimigos de teu repouso querem inspirar em ti” (SADE, 2009, p. 32).

CONCLUSÃO

O que está em escopo na filosofia de Marquês de Sade é o primado da percepção diante das contradições religiosas que colocam o dado empírico diante de um posicionamento que está para além da compreensão humana e do que é recebido por nossos sentidos, o que fica evidente na argumentação do autor no decorrer do artigo.

Não há por que evitarmos nossa liberdade de agir por conta de uma possível salvação, uma elevação além da alma, que está garantida apenas no pós-morte. Sade faz uso da experiência como dado fundamental para ir contra estes preceitos: se o corpo falece, a alma também irá falecer. A angústia do agir, o pavor do pecado e a culpa são meios que, até sua época, estavam em vigor e tinham uma força que consome qualquer tipo de ação. Sade não solicita uma transgressão de nossas atitudes, mas uma reformulação com bases sólidas, materiais e empíricas para que possamos agir sem o receio do castigo, da pena e que o agir humano não seja refreado.

Portanto, existem dois momentos na análise das obras em questão. Primeiramente, há, em Sade, uma necessidade de ordem em que todas as criaturas fazem parte de um movimento

necessário que há em cada ser diante da natureza, tais como objetos do Todo e que, em perfeita ordenação, devem seguir suas vontades (distanciando-se de uma moralidade controladora que faz dos indivíduos servos da religião); em seguida, a ideia que o libertino apresenta sobre a inseparabilidade entre corpo e alma; unidade ou identidade, é o ser que está, inevitavelmente, rumo à destruição de si, seja pela morte ou condenação. Ou seja, o fim de cada ser vivo não deve ser tomado como motivo de pavor, pelo contrário, para compreender os desígnios da natureza, aceitar tais consequências são fundamentais para viver livre de qualquer tormento religioso. O trecho abaixo corresponde a essa afirmação:

Esta alma, meu amigo, é o que a natureza desejou que fosse, isto é, o resultado dos órgãos com que me formou em razão de suas metas e necessidades; [...] inspirou-me tais desejos aos quais entreguei-me do mesmo modo. Tom a apenas essas leis com o a única causa de nossa inconsequência humana, e não estabeleça para elas outros princípios que suas vontades e necessidades. (SADE, 2009, p. 22)

Portanto, é um absurdo entregar-se ao remorso e mais ainda temer ser punido em outro mundo se somos felizes de termos escapado disso neste. Deus me livre encorajar com isso o crime: certamente é preciso evitá-lo o quanto se possa, mas é pela razão que devemos saber fugir a ele, não por falsas crenças que não levam a nada, e cujo efeito logo se dissipa numa alma que seja um pouco firme. A razão, meu amigo, tão-somente a razão nos deve advertir que prejudicar nossos semelhantes jamais nos tornará felizes, e nosso coração, que contribuir para a felicidade deles é a melhor coisa que a natureza nos pode conceder na terra. Toda a moral humana encerra-se nestas palavras: tomar os outros tão felizes quanto desejamos sê-los nós mesmos, e jamais lhes fazer mais mal do que gostaríamos de receber. Eis aí, meu amigo, os únicos princípios que devem os seguir; e não necessitamos de religião nem deus para prová-los e admiti-los, somente um bom coração. (SADE, 2009, p. 27)

O pecado existe e a angústia está no movimento de transgressão do que está estabelecido pela religião. Sade vê o papel de dominância religiosa como um problema, o sentimento de angústia, para o autor, está vinculado à forma de controle e submissão religiosa. A superação do interdito é angustiosa, não é à toa que a posição do padre em boa parte do diálogo é apenas levantar questões que favorecem a argumentação do moribundo, superando, angustiosamente, o erro, na tentativa de estruturar a defesa de um conceito que promova a regência do imaterial e, ao fim, entregar-se ao primado da experiência. O que difere do moribundo, que não vê nenhuma posição de submissão ao desconhecido, um posicionamento de dominação deve ser rompido e a restrição dos desejos devem ser eliminadas para que o ser humano possa agir. A superação da angústia sadiana é a destruição de Deus, essa destruição é um movimento de

renúncia aos dizeres da religião dominante de sua época, que, muitas vezes, culmina na atividade erótica no decorrer das obras

REFERÊNCIAS

SADE, Donatien Alphonse François de. **Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias**. Trad. Contador Borges. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

BORGES, Augusto Contador. Sade e o Ateísmo. In: SADE, Donatien Alphonse François de. **Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias**. Trad. Contador Borges. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2009.

MORAES, Eliane Robert. **Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

***Este trabalho foi originalmente publicado no livro “Diálogos Científicos” (2023), da Editora Coletivo Cine-Fórum, disponível em www.coletivocineforum.com/livros*